Proteger os Trabalhadores Humanitários Locais em Moçambique

Notas de política da Conferência Internacional sobre a Protecção dos Trabalhadores Humanitários, Bruxelas

Nyararai Roberto Magudu, Coordenador Nacional, MLHCP · Outubro de 2026

RESUMO

Os trabalhadores humanitários locais e nacionais assumem a maior parte do risco na resposta humanitária e, no entanto, são os que recebem menos protecção. Moçambique não é excepção. A nível global, em 2025, 97% dos trabalhadores humanitários mortos, feridos ou raptados eram pessoal nacional.

A MLHCP, que reúne mais de 160 organizações locais e nacionais, pede três coisas:

1. **A protecção exige partilha de risco.** Cada parceria que transfere risco para uma organização local deve também financiar a sua segurança e dar ao seu pessoal o mesmo apoio pós-incidente que ao pessoal internacional.
2. **Nenhuma impunidade.** Cada ataque a um trabalhador humanitário local em Moçambique deve ser documentado com um padrão que permita uma investigação independente.
3. **Moçambique como piloto.** A liderança humanitária e os doadores devem apoiar para tornar estas práticas a norma.

1.187
trabalhadores humanitários mortos, feridos, raptados ou detidos no mundo em 2025, um ano recorde

97%
dos mortos, feridos ou raptados eram pessoal nacional

3,5 M€
mobilizados pela UE em 2026 para a segurança dos trabalhadores humanitários, através da Protect Aid Workers

Porquê agora

A primeira Conferência Internacional sobre a Protecção dos Trabalhadores Humanitários realizou-se em Bruxelas, a 15 e 16 de Outubro de 2026. Foi convocada pela Comissão Europeia e pela Presidência Irlandesa do Conselho da UE, com o apoio da FICV e da Protect Aid Workers. A MLHCP interveio no painel da África Oriental em nome das organizações locais e nacionais de Moçambique.

É o momento certo para transformar o que foi dito em Bruxelas em compromissos em Cabo Delgado e noutras zonas do norte de Moçambique, onde as organizações locais asseguram a maior parte da resposta e o seu pessoal enfrenta a maior parte do risco.

O que ouvimos em Bruxelas

A conferência repetiu uma mensagem: a violência contra os trabalhadores humanitários atingiu níveis recorde e recai sobretudo sobre o pessoal local.

- **Escala.** Em 2025, 1.187 trabalhadores humanitários foram mortos, feridos, raptados ou detidos arbitrariamente, um ano recorde. 97% dos mortos, feridos ou raptados eram pessoal nacional.
- **Os três apelos do responsável humanitário da ONU.** Tom Fletcher, Coordenador da Ajuda de Emergência, recordou os mais de 1.000 trabalhadores humanitários mortos nos últimos três anos e classificou estes ataques como um ataque ao coração da humanidade. Pediu aos Estados-membros que usem a sua influência diplomática e económica, que haja investigações independentes e credíveis com os responsáveis levados à justiça, e financiamento para a segurança dos trabalhadores humanitários.
- **Transferência de risco.** Na sessão sobre o Médio Oriente e Norte de África (MENA), uma ONG internacional reconheceu que os actores locais estão mais expostos do que o pessoal internacional, mas continuam a ser enviados para a linha da frente. Os oradores concordaram que a maior parte da discussão fica no problema e pouco no que as organizações estão a fazer para o resolver.
- **Responsabilização.** O Crescente Vermelho Palestiniano defendeu que neutralidade e justiça não se separam: os trabalhadores humanitários não poderão trabalhar livremente enquanto quem os ataca continuar impune.
- **Financiamento.** A UE mobilizou 3,5 milhões de euros em 2026 para a segurança dos trabalhadores humanitários, através da iniciativa Protect Aid Workers, cobrindo medidas de protecção, assistência pós-incidente e apoio jurídico.

O que isto significa em Cabo Delgado

Em Cabo Delgado, o pessoal internacional pode ser retirado quando as ameaças aumentam, mas os trabalhadores humanitários locais normalmente ficam. Vivem nas comunidades que servem e continuam a trabalhar quando outros se retiram.

- **Os ataques perturbam a ajuda.** Em Maio de 2024, ataques de grupos armados não estatais visaram trabalhadores humanitários e várias agências retiraram pessoal de Macomia (World Vision). Em Maio de 2025, um camião humanitário foi saqueado na N380, em Mocímboa da Praia, e uma ONG internacional suspendeu distribuições em Macomia e transferiu dois funcionários internacionais para Pemba (OCHA Access Snapshot, Maio de 2025).
- **A retirada não é um direito igual para todos.** O pessoal internacional é levado para lugar seguro quando há insegurança, enquanto o pessoal local muitas vezes não tem plano de evacuação, seguro nem apoio pós-incidente.
- **O apoio existe, mas não chega aos actores locais.** A Protect Aid Workers oferece apoio de protecção, pós-incidente e jurídico, mas até Setembro de 2026 não tinha recebido nenhum pedido de apoio de Moçambique. Os seus materiais ainda não estão em português e o conhecimento entre as organizações membros da MLHCP é baixo.
- **Os incidentes não são registados.** Muitos ataques contra pessoal local não são documentados de forma a permitir uma investigação. Sem provas, não há responsabilização.

Mensagens-chave

1	**Não há resposta humanitária sem os trabalhadores humanitários locais.**
2	**Transferir risco sem recursos é transferência de risco, não é localização.**
3	**Neutralidade e justiça andam juntas.**
4	**Menos discussão sobre o problema, mais acção.**

Os nossos pedidos

Cada actor pode fazer uma mudança concreta nos próximos 12 meses.

Quem	O que pedimos
Liderança humanitária	Incluir a protecção dos trabalhadores humanitários locais na agenda das reuniões de coordenação humanitária nacionais e provinciais em Maputo, Pemba e Nampula, e garantir que o registo de incidentes abrange o pessoal local.
Doadores	Exigir uma rubrica de segurança financiada e um dever de cuidado para com os parceiros locais em todos os acordos de financiamento.
Parceiros internacionais (agências da ONU e ONG internacionais)	Incluir os parceiros locais nos briefings de segurança, avaliações de risco e planos de evacuação. Dar ao seu pessoal o mesmo apoio pós-incidente que ao vosso, e indicar que parte dos orçamentos dos parceiros vai para a segurança.

O que a MLHCP vai fazer

A MLHCP vai usar a sua rede de mais de 160 organizações para tornar a protecção dos trabalhadores humanitários locais uma realidade prática.

- **Sensibilizar.** Continuar a lembrar os membros da existência da Protect Aid Workers e garantir que a informação chega ao pessoal de campo, e não apenas à direcção.
- **Tornar o apoio acessível.** Trabalhar com a Protect Aid Workers em materiais em português e num circuito de referência simples para os membros.
- **Construir as provas.** Ajudar os membros a registar os ataques ao seu pessoal de forma consistente, que sirva para investigação e advocacia.
- **Acordar o piloto.** Trabalhar com os membros, parceiros internacionais e doadores para acordar os padrões do piloto.

Fontes

- International Conference on the Protection of Humanitarian Aid Workers
- Comissão Europeia: EU hosts first international conference on protecting aid workers
- OCHA: Mozambique Access Snapshot, Cabo Delgado, Maio de 2025
- World Vision Moçambique sobre ataques a trabalhadores humanitários, Maio de 2024
- Notas das sessões da conferência, 15 e 16 de Outubro de 2026